

Os "Anjos" do Cemitério da Várzea (Recife/PE): reflexões acerca do patrimônio funerário & ausência do poder público

RESUMO

O presente artigo examina um setor do Cemitério da Várzea, localizado no bairro da Várzea, em Recife, denominado "Cemitério dos Anjos", com ênfase nas consequências da omissão do poder público em relação ao patrimônio cemiterial. A análise contempla os aspectos socioarqueológicos do espaço, destacando sua relevância para a memória social e a identidade local, bem como a ausência de políticas públicas eficazes, discutida como fator central para a progressiva degradação do sítio nos dias atuais, e aborda conceitos como a perda de identidade coletiva e individual mediante destruição patrimonial, a conservação pública patrimonial e o patrimônio para o futuro. A pesquisa fundamenta-se em revisão crítica da literatura especializada, em atuação de campo, em registros imagéticos e em entrevistas não estruturadas com os funcionários. Por fim, conclui-se que o Cemitério dos Anjos configura um caso emblemático de desassistência estatal em relação ao patrimônio cultural, tornando urgente a adoção de medidas de proteção, valorização e reconhecimento institucional de sua importância, bem como dos impactos de omissões semelhantes no patrimônio público e de seus dilemas para com o futuro.

Palavras-chave: Cemitério dos Anjos; patrimônio arqueológico; conservação material; políticas públicas.

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). CV: <http://lattes.cnpq.br/3036408443178106>

**Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de Arqueologia e do Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). CV: <http://lattes.cnpq.br/4870470223019476>

The "Angels" of Várzea Cemetery (Recife, Brazil): Reflections on Funerary Heritage and the Absence of Public Authorities

ABSTRACT

This article examines a section of the Várzea Cemetery, located in the Várzea neighborhood of Recife, known as the "Cemetery of the Angels", with an emphasis on the consequences of public authorities' neglect of funerary heritage. The analysis addresses the socio-archaeological aspects of the site, highlighting its relevance to social memory and local identity, and discusses the absence of effective public policies as a central factor in the site's ongoing degradation. It further explores concepts such as the loss of collective and individual identity through the destruction of heritage, public heritage conservation, and heritage preservation for future generations. The research is based on a critical review of specialized literature, fieldwork, photographic documentation, and unstructured interviews with employees. Finally, it concludes that the Cemetery of the Angels represents an emblematic case of state neglect regarding cultural heritage, making urgent the adoption of measures for its protection, appreciation, and institutional recognition of its importance, as well as reflection on the impacts of similar omissions on public heritage and the dilemmas for the future.

Keywords: Cemetery of the Angels; archaeological heritage; material conservation; public policies.

Los "Ángeles" del Cementerio de Várzea (Recife/PE): reflexiones sobre el patrimonio funerario y la ausencia del poder público

RESUMEN

El presente artículo examina un sector del Cementerio de Várzea, ubicado en el barrio de Várzea, en Recife, denominado "Cementerio de los Ángeles", con énfasis en las consecuencias de la omisión del poder público respecto al patrimonio cementerial. El análisis contempla los aspectos socioarqueológicos del espacio, destacando su relevancia para la memoria social y la identidad local, así como la ausencia de políticas públicas eficaces, lo que constituye un factor central en la progresiva degradación del sitio en la actualidad. Asimismo, aborda conceptos como la pérdida de identidad colectiva e individual derivada de la destrucción patrimonial, la conservación pública del patrimonio y el patrimonio para las generaciones futuras. La investigación se fundamenta en una revisión crítica de la literatura especializada, en un trabajo de campo, en el registro fotográfico y en entrevistas no estructuradas con los trabajadores del cementerio. Finalmente, se concluye que el Cementerio de los Ángeles constituye un caso emblemático de desatención estatal del patrimonio cultural, lo que hace urgente la adopción de medidas de protección, valorización y reconocimiento institucional de su importancia, así como la reflexión sobre los impactos de omisiones semejantes en el patrimonio público y los desafíos que estas plantean para el futuro.

Palabras clave: Cementerio de los Ángeles; patrimonio arqueológico; conservación material; políticas públicas.



O patrimônio funerário brasileiro apresenta um espelho histórico de uma nação que apresenta diversidade, complexidade e multifacitariedade ao longo dos séculos e décadas, perpassando as intersecções de uma sociedade múltipla e que, para além do registro de suas mortes, elucida a manifestação de autores históricos que construíram o panorama cemiterial brasileiro e a sociedade em suas variações ao longo do tempo, das regiões, dos núcleos inseridos, dos seus criadores e daqueles que ali jazem. O Dicionário Temático de Patrimônio afirma que: "definir o que é patrimônio cultural funerário é atribuir significados, aprender saberes e selecionar elementos, lugares e conhecimentos merecedores de preservação para as futuras gerações, ou seja, dignos de se transformarem numa espécie de herança" (Castro, 2020).

No Brasil, chega-se a desenvolver o Projeto de Lei PL 4909/23 e PL n.3168/2024 para a instituição do Dia do Patrimônio Cultural Funerário no Brasil, onde é citado:

*O patrimônio funerário é o reflexo das crenças, tradições e práticas culturais relacionadas à morte ao longo da história do Brasil [...].
O patrimônio cultural funerário engloba, em seu conjunto de bens materiais e imateriais, parte dos registros da memória individual e coletiva, oriundo e pertencente a homens e mulheres de diferentes classes sociais e sem distinção, podendo assim fornecer informações genealógicas e os valores de gerações.¹*

Assim, compreende-se que o Cemitério da Várzea, localizado no bairro da Várzea, em Recife, Pernambuco, é um espaço que transcende a mera função de sepultamento e faz parte da rica tapeçaria cultural e histórica da cidade. Inaugurado no século XIX, este cemitério reflete a transição e a transformação das práticas funerárias na região, bem como as influências sociais, econômicas e religiosas que marcaram a formação de Recife. Com um traçado arquitetônico que mistura elementos neoclássicos e barrocos, o cemitério é um verdadeiro museu a céu aberto, onde se pode observar túmulos ornamentados, jazigos repletos de simbolismo e uma diversidade de estilos que contam a história de suas personalidades sepultadas.

A escolha da Várzea como local para um cemitério está ligada à necessidade de atender a uma população em crescimento e à busca por um espaço que oferecesse tranquilidade e contemplação no cenário urbano recifense (Freitas, 2024; Oliveira *et al.*, 2023; Fellows *et al.*, 2022; Melo & Halley, 2019). A partir de seu surgimento, em 1867, como parte do mecanismo de transferência dos sepultamentos dos espaços da Igreja Católica para espaços mais amplos que possibilitassem a diminuição da transmissão de patógenos, o Cemitério da Várzea tornou-se um local de memória e relevância na comunidade, recebendo não apenas os familiares dos que ali descansam, mas também visitantes interessados em sua história, arquitetura e, de forma mais recente, em sua arqueologia. O cemitério, reformado em 1953, abriga sepulturas de figuras

¹ Brasil. Câmara dos Deputados. (2023). *Projeto de Lei n. 4.909, de 2023*. Autor: Jonas Donizette. <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/...> (acesso em 24 abr. 2026); Brasil. Câmara dos Deputados. (2024). *Projeto de Lei n. 3.168, de 2024*. Autor: Jonas Donizette. <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=...> (acesso em 24 abr. 2026), p. 2.

importantes da história pernambucana, como políticos, artistas e intelectuais, tornando-se um ponto de interesse para estudiosos e curiosos no século XXI (Melo & Halley, 2019; Ariès, 2017).

Além de sua importância histórica e cultural, o Cemitério da Várzea também é um espaço de reflexão sobre a morte e o luto quando posto sob a lente da análise. Em suas alamedas, é possível observar a diversidade de rituais e homenagens prestadas aos mortos, que variam de acordo com as tradições familiares e religiosas. Essa pluralidade reflete a riqueza cultural da capital de Pernambuco, onde diferentes crenças e práticas se entrelaçam. O Cemitério da Várzea, portanto, não é apenas um local de descanso eterno, mas um espaço que convida à reflexão sobre múltiplas características de uma cidade, desde o seu surgimento até a contemporaneidade, e até mesmo sobre perspectivas de seu futuro. Atuando, assim, como um espaço planejado que traz de forma significativa uma janela social para o passado, presente e futuro.

O cemitério apresenta dentro de seu espaço uma seção específica para sepultamentos infantis cujo surgimento ainda não é datado, mas onde a maior parte das sepulturas remonta aos séculos XX e XXI. O "Cemitério dos Anjos" é uma seção espacial do Cemitério da Várzea destinada apenas a menores de idade. Ele apresenta uma delimitação espacial própria, localizando-se em um espaço central, circundado por outras seções de sepultamentos adultos, sem se misturar a elas. Por essa delimitação, recebe uma nomenclatura própria, não se tratando de outro cemitério, e sim de uma divisão espacial-setorial.

A origem do nome "Cemitério dos Anjos" está relacionada à sua função e ao simbolismo do sepultamento de crianças e jovens. O termo "anjos" evoca associação à inocência e pureza, nome popularmente fornecido às crianças mais novas que remonta ao final do século XVIII e início do século XIX (Costa, 2009; Lillehammer, 2018; Nava Lopes *et al.*, 2017; Peixoto, 2018). No *Guia Didático e Histórico de Verbetes Sobre a Morte e o Morrer*, o verbete "anjos" é definido como "crianças batizadas e mortas até completarem os sete anos" (Santos, 2022). No caso do Cemitério dos Anjos, pertencente ao Cemitério da Várzea, o nome foi popularizado pelos funcionários e pela comunidade.

A proposta dessa pesquisa surgiu a partir de um debate sobre o impacto da ausência preservativa sobre a materialidade que estaria disponível para análise arqueológica futuramente e para conhecimento e integração com a comunidade correlacionada e interessados. Em espaços públicos, a existência de medidas de conservação e restauro, que condicionam a existência futura do material, é intrinsecamente dependente do olhar dos governantes e da tomada de medidas de cuidado e proteção patrimonial. Quando essas não ocorrem no presente, a possibilidade de resistência e integralidade do remanescente arqueológico no futuro pode diminuir ou desaparecer. Retirando, assim, não apenas o potencial de pesquisa e análise, mas também patrimônios que refletem a identidade de uma comunidade e, no caso dos remanescentes cemiteriais, a existência de inúmeros indivíduos com suas vozes, falas e relevâncias.

Delimitando cemitérios no espaço urbano recifense que apresentavam essa característica, bem como particularidades que, caso o processo de cuidado conservativo público não ocorresse, apresentariam perdas de aspectos únicos dentro de um perímetro cemiterial cuja perda seria um prejuízo significativo para o patrimônio urbano recifense, levantou-se a singularidade do



"Cemitério dos Anjos" no Cemitério Público da Várzea. Com a particularidade de uma seção cemiterial tão única e delimitada a ponto de ser vista como um cemitério dentro do próprio cemitério, bem como de sofrer com a ausência da intervenção conservativa e da manutenção, era um claro exemplo de como a falta de relevância pública pode impactar o futuro das identidades sociais e dos estudos arqueológicos, gerando apagamento individual e coletivo.

Além disso, único por se tratar de um espaço cemiterial complexo, mas que, entretanto, ainda pouco abordado. Autores como Freitas (2024), Oliveira et al. (2023), Reis (2023), Fellows et al. (2022) e Melo e Halley (2019) abordam a partir de diferentes ciências a complexidade do espaço indicando e, de forma concomitante, a ausência de um maior número de estudos que, visto a partir dessas ciências, demonstram o impacto da ausência pública na área. Todos ressaltando o abandono parcial do espaço e a invisibilidade no meio de pesquisa. Assim, este artigo busca contribuir para a elucidação da riqueza presente no Cemitério da Várzea, especificando a seção do Cemitério dos Anjos, e abordar a necessidade de debater temáticas como a perda de identidade coletiva e individual decorrente da destruição patrimonial, a conservação pública patrimonial e o patrimônio para o futuro.

Após a constatação trazida pelo levantamento bibliográfico e debate acerca desse patrimônio, realizou-se uma visita técnica no perímetro para análise, registros imagéticos e entrevistas não estruturadas com os funcionários do local para a compreensão do estado de conservação, da atuação pública no local e principais queixas atreladas à problemática levantada. Em decorrência dessa abordagem, busca-se elucidar a correlação entre o estado do Cemitério dos Anjos e seus desafios, mediante a atuação do poder público no cemitério, dialogando acerca dos conceitos que se desdobram por meio da descaracterização do patrimônio por ausência de conservação.

Representações de identidade coletiva e individual

O Cemitério dos Anjos, situado dentro do Cemitério da Várzea em Recife, Pernambuco (Figuras 1 e 2) e nomeado assim popularmente pelos responsáveis pelo espaço e pela comunidade local, tem uma história que remonta ao final do século XIX. Originalmente, o Cemitério da Várzea foi estabelecido para atender à demanda crescente por sepultamentos na cidade, que estava em expansão devido às dinâmicas portuárias, ao sanitarismo e à industrialização (Melo & Halley, 2019). Com o passar do tempo, o Cemitério dos Anjos emergiu como uma seção especial, de datação ainda não estipulada, destinada a crianças e jovens, de acordo com as entrevistas não estruturadas com a coordenação do espaço cemiterial, refletindo a dor e a fragilidade da vida em seus primeiros anos.



Figura 1: Planta do Cemitério da Várzea.



Fonte: Placa disponível no cemitério, 2024.

Figura 2: Quadra do Cemitério dos Anjos.

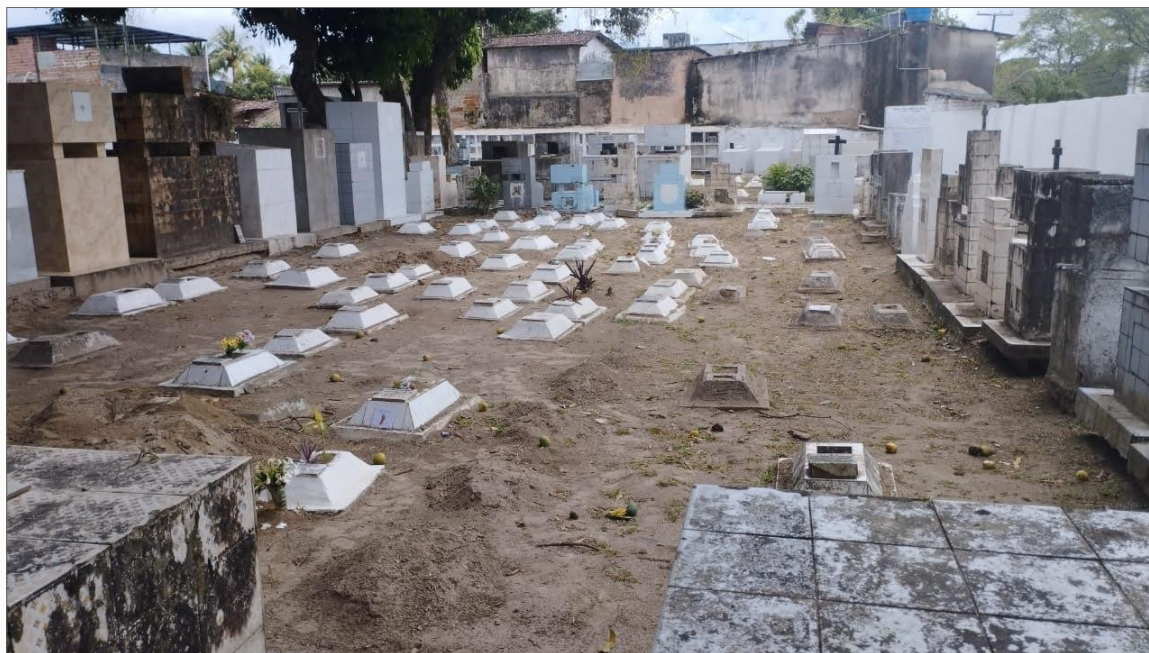


Fonte: Placa disponível no cemitério, 2024.

O surgimento do Cemitério dos Anjos está intimamente ligado às altas taxas de mortalidade infantil que marcaram essa época, resultado de doenças, epidemias e condições sanitárias precárias. Assim, a criação desse espaço específico para o sepultamento de crianças foi uma forma de ir de acordo com o movimento que se inicia a partir do final do século XVIII de olhar para a morte infantil com uma maior sensibilidade e aceitação social do sentimento de perda dos infantes, dando significados, rituais e tradições próprias a morte das crianças

enquanto coletividade e de local de guarda dos remanescentes de um ente querido para os familiares a nível individual (Carmo & Matos, 2022; Silva *et al.*, 2022; Ariès, 2017; Araújo, 2008; Costa, 2009; Moraes, 2005; Reis, 2023). O cemitério foi projetado como um lugar de acolhimento, onde os pais poderiam visitar e lembrar seus filhos, criando um ambiente que buscava oferecer consolo em momentos de luto (Figuras 3 e 4).

Figura 3: Área delimitada do cemitério aos "anjos".



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

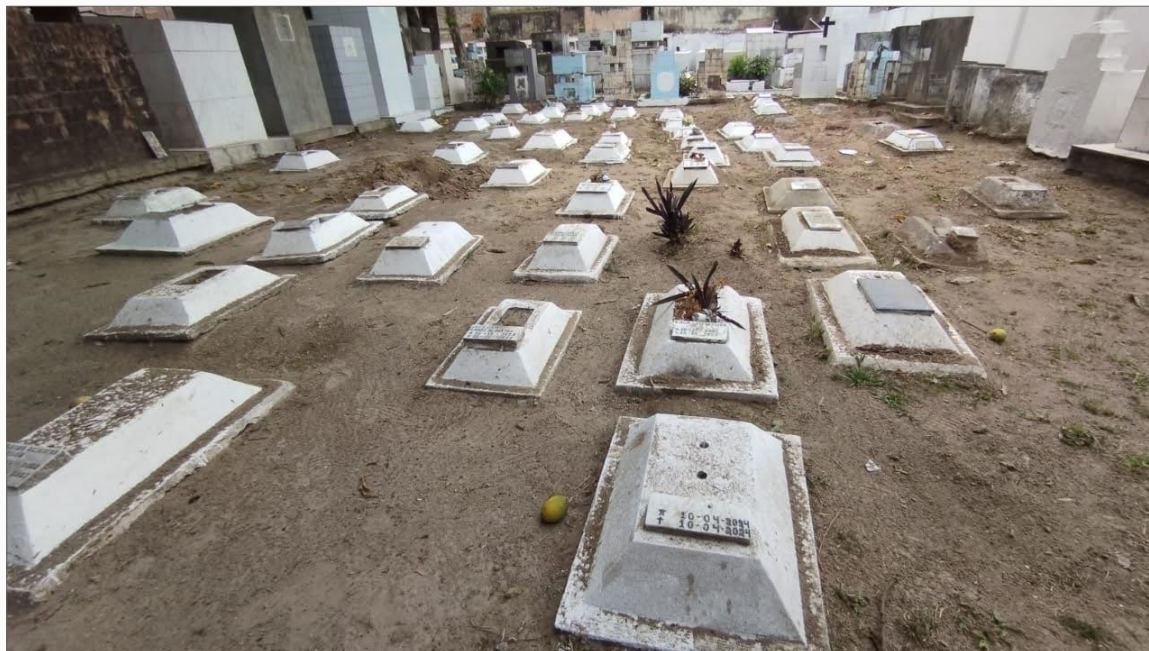
Figura 4: Distribuição tumular das sepulturas infantis no espaço.



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

O Cemitério dos Anjos é facilmente reconhecível pelas características únicas que o distinguem no Cemitério da Várzea. Uma das principais características é a sua arquitetura delicada e simplicidade tumular. A disposição dos túmulos apresenta uma delimitação clara. Situados em um espaço central rodeado por sepulcros adultos, os túmulos dos anjos se encontram enfileirados de forma perpendicular uns aos outros, possuindo estrutura padronizada e estilo arquitetônico minimalista. Todos foram pintados na cor branca e têm o granito como matéria-prima (Figuras 5 e 6).

Figura 5: Demonstração da Distribuição dos Sepultamentos Infantis.



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Figura 6: Exemplificação da Padronização Tumular da Seção.



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

O espaço apresenta ao seu redor uma vegetação esparsa com a presença de algumas árvores e de flores que são deixadas em visitas como representação do luto ou cultivadas em algumas sepulturas como decoração. O solo da seção, por sua vez, também se distingue do restante do perímetro por ser arenoso (Figura 7).

Figura 7: Representação tumular e de solo.



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Os túmulos infantis se diferenciam dos demais ao seu redor por romperem com o padrão de disposição das sepulturas do cemitério e também pela uniformidade estética-construtiva que se contrapõe à diversidade de estilos arquitetônicos, matérias-primas e cores presentes nos demais sepulcros do local. Outra característica que distingue a seção é a associação com materialidades relacionadas à infância, como brinquedos e placas que remetem à saudade sentida por seus pais (Figuras 8 e 9).

Figura 8: Ornamentações tumulares - Placa decorativa.



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Figura 9: Ornamentações tumulares - Brinquedos.



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Com o passar dos anos, o Cemitério dos Anjos tornou-se um símbolo do luto parental e da fragilidade da infância. O espaço, marcado por uma arquitetura delicada e túmulos adornados, reflete o amor e a saudade que os pais sentem por seus filhos. Essa seção do cemitério se tornou um local de preservação arqueológica daqueles indivíduos, onde a presença de vidas curtas é lembrada, e a dor da perda é compartilhada por aqueles que visitam os túmulos. A história do Cemitério dos Anjos é, portanto, uma narrativa de afetividades, luto, pertencimento e identidade social, que ecoa ao longo das décadas desde a criação do espaço.

A descaracterização da seção cemiterial, portanto, traz consigo possibilidades de debate acerca do impacto público na perda de identidade coletiva e individual mediante destruição patrimonial. Quando há negligência de um espaço coletivo, a comunidade que possui um laço histórico com o perímetro tem um de seus marcadores de identidade coletiva apagado e alterado, diluindo e modificando essa identidade e abrindo espaço para alterações narrativas, contradições e invisibilizações.

Da mesma forma, a história individual também sofre alterações e pagamentos ao descaracterizar um remanescente que sumariza a vivência de um autor formador daquela comunidade. No presente caso, as crianças. Indo contra, assim, o princípio constitucional da preservação patrimonial que define o poder público como, em conjunto com a comunidade, responsável por impedir a destruição ou descaracterização e autor da proteção e preservação do patrimônio cultural. O Estado tem o dever de garantir a preservação ao promover políticas públicas de proteção. Do contrário, a guarda da memória social é descumprida, ocorrendo falha no cumprimento da Constituição, negligência na proteção do patrimônio coletivo e apagamento da identidade cemiterial individual.²

Embora compartilhada entre a comunidade e o poder público, há um limite até onde os particulares conseguem intervir na manutenção daqueles remanescentes sem que o olhar público também se volte para o espaço. Medidas de preservação realizadas individualmente acabam por ser anuladas quando o espaço não é protegido e a área não é considerada relevante e prioritária. Assim, as medidas particulares de manutenção da memória individual nos espaços para a continuidade da memória dos indivíduos da comunidade, acabam apresentando efeitos parcos. O olhar que busca a preservação enquanto prioridade garante a existência do patrimônio e a possibilidade de identificação e contato da comunidade com os remanescentes. A manutenção realizada unicamente pelos particulares, por sua vez, além de descumprir uma medida constitucional, limita as medidas de preservação, os recursos e a segurança. O patrimônio, quando descaracterizado ou abandonado, muitas vezes se afasta do conhecimento da população, que necessita de medidas educativas e preservativas para assimilação, reconhecimento e identidade coletiva. Sem esse conjunto há, além do apagamento, o desconhecimento popular.

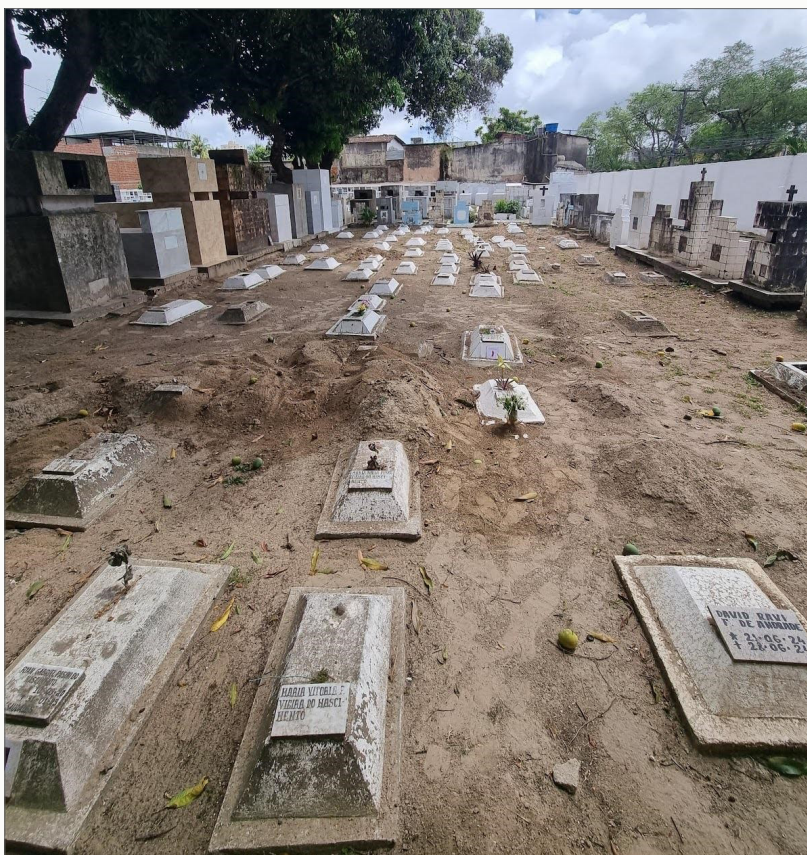
² Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, art. 216.



A conservação dos remanescentes

A conservação do Cemitério da Várzea, aqui buscando especificar sua seção popularmente denominada Cemitério dos Anjos, é um aspecto crucial para a preservação da história, da memória e da cultura do bairro da Várzea e da cidade do Recife. A gestão e a manutenção desses espaços são responsabilidade da Prefeitura do Recife, que, por meio de suas secretarias e órgãos competentes, busca garantir a integridade física do cemitério e a proteção das sepulturas. Contudo, a conservação enfrenta desafios significativos, como o envelhecimento das estruturas, a perturbação do solo, a ação do tempo e a escassez de recursos financeiros (Figura 10).

Figura 10: Solo perturbado no cemitério.



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Uma das principais iniciativas para a conservação do Cemitério da Várzea é, em tese, a realização de obras periódicas de manutenção, que incluem a limpeza de sepulturas, a restauração de túmulos danificados e a preservação das esculturas que adornam o local. Esses trabalhos seriam realizados por equipes de profissionais que, além de conhecimentos técnicos, também teriam um forte compromisso com a preservação do patrimônio cultural. A utilização de materiais adequados e técnicas de conservação adequadas é essencial para garantir que as sepulturas e as estruturas arquitetônicas mantenham sua integridade ao longo do tempo. Além da conservação física, a gestão do cemitério também envolveria ações voltadas para a proteção ambiental (Figuras 11 e 12).

Figura 11: Descaso conservacional - Exemplo 1



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Figura 12: Descaso conservacional - Exemplo 2.



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Apesar dos esforços realizados, a conservação do Cemitério da Várzea e do Cemitério dos Anjos enfrenta diversos desafios. A falta de incentivos e a necessidade de uma gestão mais estruturada têm dificultado a realização de projetos de restauração mais amplos. Além disso, a urbanização crescente na região de Várzea, a pressão imobiliária e outras necessidades urbanas que se encontram em déficit podem afetar a integridade do cemitério, direta ou indiretamente, tornando fundamental a implementação de políticas públicas que garantam a proteção do

espaço. Para que o patrimônio tenha visibilidade e importância, a cultura precisa ser prioridade da urbe e a população precisa ter suas necessidades básicas atendidas.

A conservação também conta com a participação da comunidade local e de grupos de voluntários, que se mobilizam para realizar ações de limpeza e preservação eventuais. Essas iniciativas são fundamentais, mas raras, pois promovem a conscientização sobre a importância da preservação do patrimônio cultural e incentivam a participação ativa da população na manutenção do espaço. Entretanto, na maioria dos casos, o processo de conservação ocorre de forma particular em relação a sepultamentos unitários que, embora auxiliem na conservação de jazigos específicos, atingem apenas uma dentre muitas unidades necessárias à preservação.

Observa-se, entretanto, a ausência de uma atuação significativa do poder público como forma de proteção à materialidade cemiterial de interesse da população num bairro não correlacionado com as classes sociais mais abastadas do centro urbano. Este fator põe em perspectiva a correlação do descaso patrimonial com a associação entre essa e os grupos aos quais se relaciona. Assim, incide sobre a materialidade um fator de seleção intencional em relação ao que seria "conveniente" ou "importante" a ser preservado, sem colocar de forma aberta à discussão para a comunidade pertencente ao entorno e usuária do espaço. Selecionando intencionalmente o material futuro, sem responsabilização nem nomeação de responsáveis. Quando a materialidade correlacionada com classes menos abastadas foge aos olhares de proteção patrimonial, diferentemente da materialidade de grupos mais abastados, há uma escolha implícita acerca do que se preserva. O que se escolhe preservar no hoje será a materialidade do futuro. A materialidade do futuro será, por sua vez, o conhecido. Assim, a escolha acerca do que conservar é a escolha acerca do que estará presente no futuro para ser conhecido, analisado e dialogar com a sociedade ou com grupos e ideologias específicos dessa.

As sepulturas se encontram em diferentes estados de conservação, algumas não apresentando a pintura, com suas placas não mais encontradas por terem sido retiradas dos locais, partes do granito da estrutura quebradas, presença de vandalismo. Em relação aos organismos vegetais, as plantas dos pequenos jardins decorativos encontram-se secas ou mortas e a areia do solo revirada. Também se percebe, como um dos problemas conservativos, a ausência de limpeza no local, com a presença de frutos e folhas caídos no perímetro, e sujidades nas estruturas.

Algumas sepulturas não possuem identificação alguma, sem quaisquer indícios do indivíduo sepultado ou de qualquer caracterização de sua identidade. Outros que tiveram foram vítimas da vandalização, tornando-se descaracterizados.

Assim, mesmo que o do Cemitério dos Anjos tenha uma potencialidade indicativa de abordagens arqueológicas e sócio-históricas do bairro da Várzea e da cidade do Recife, a ausência conservativa acaba por infringir as possibilidades de análises tumulares em um espaço em que o contato direto com os corpos não é uma possibilidade. Assim, apagando a presença dos indivíduos e limitando o esclarecimento acerca de suas vidas e, conseqüentemente, do entendimento do panorama cemiterial e urbano.

Embora outros perímetros cemiteriais acabem sendo mais abordados, tratando-se da cidade do Recife, o Cemitério da Várzea, ou seja, um espaço ainda pouco abordado e com baixo



número de pesquisas comparado com seu potencial de análise, traz tantos indícios acerca da cidade quanto áreas mais evidenciadas. Na própria estruturação dos sepultamentos infantis, já é possível discorrer acerca do tratamento fornecido por aquela parcela da população recifense em relação a outros cemitérios da cidade, tornando-se de especial interesse por poder abarcar perspectivas específicas de uma parcela da população e por abarcar estruturas tumulares modestas, que apresentam um indicativo de recortes sociais específicos e da necessidade de proteção e cuidado do patrimônio que não se restrinja ao de classes mais abastadas.

A relação entre a preservação dos espaços públicos e as experiências vividas por essas comunidades distintas é complexa e multifacetada, revelando não apenas a importância da inclusão social, mas também a da disseminação da configuração dessas áreas. Os espaços públicos são, por definição, áreas pertencentes ao povo e bens de uso comum, independentemente da condição socioeconômica do indivíduo.³

Para as comunidades menos favorecidas, esses locais se tornam essenciais, oferecendo oportunidades de socialização, estudo e indicação de trajetória comunitária de uma região historicamente menos abastada da cidade. Quando esses espaços são preservados e bem cuidados, eles se transformam em locais de resistência e afirmação cultural. Comunidades que se organizam para proteger seus espaços públicos frequentemente se tornam mais coesas, desenvolvendo um senso de pertencimento e identidade. A luta pela preservação desses locais pode também servir como catalisador para a mobilização social, trazendo à tona questões de justiça social e equidade (Pereira, 2022; Deglinomini, 2017; Rocha, 2012; Silva, 2011).

A preservação de espaços públicos também se relaciona diretamente com a resistência cultural e social das comunidades. Quando grupos marginalizados ou ignorados se mobilizam para proteger seus espaços, eles não apenas defendem um lugar físico, mas também afirmam seus direitos e sua identidade. Essa resistência pode manifestar-se de diversas formas, desde a organização de mutirões de limpeza e revitalização até a realização de eventos culturais que celebram a história e as tradições locais (Roma *et al.*, 2020; Araújo *et al.*, 2019; Oliveira & Calvente, 2012).

As crianças, em particular, desempenham um papel vital nesse processo. Elas são muitas vezes as que mais usufruem dos espaços públicos e, ao se envolverem em iniciativas de preservação, desenvolvem um senso de responsabilidade e cidadania. Projetos que incentivam a participação infantil na manutenção e valorização de parques e praças podem não apenas fortalecer a comunidade, mas também fomentar um futuro mais consciente e engajado. Enquanto grupo de estudo, as crianças sepultadas no "Cemitério dos Anjos" trazem a possibilidade de análise de um grupo ainda pouco explorado, que é o das crianças — em um panorama geral — e das crianças menos abastadas, de forma especial. Um grupo muitas vezes esquecido, mas que carrega em si um grande potencial indicativo da história local (Viana & Alves, 2018; Vailati, 2007).

³ Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, artigos 5, 216 e 225; Brasil. (2002). *Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002* (Código Civil). Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10406.htm, artigo 99.

A preservação dos espaços públicos é uma questão que transcende a mera manutenção de áreas urbanas; trata-se de um movimento em prol da inclusão social, do respeito à diversidade e da resistência cultural. A interseção entre a preservação dos espaços públicos e as experiências de comunidades menos abastadas revela um campo fértil para a pesquisa acadêmica, o engajamento social e a luta por direitos. Ao valorizar e proteger esses locais, não apenas se garante a qualidade de vida das populações vulneráveis, mas também se promove um ambiente em que a resistência e a identidade cultural possam florescer. Assim, a preservação dos espaços públicos torna-se um imperativo ético e social, que deve ser abraçado por todos os setores da sociedade.

Os cemitérios, na forma percebida pela sociedade ocidental contemporânea, são espaços de memória, luto e reflexão. Quando se trata de cemitérios voltados ao sepultamento de crianças, esses locais assumem um significado ainda mais profundo e complexo. A preservação desses espaços não é apenas uma questão de respeito aos que partiram, mas também uma reflexão sobre a sociedade em que vivemos, suas prioridades, suas lutas e sua capacidade de resistência (Rodrigues *et al.*, 2024).

Os cemitérios dedicados ao sepultamento de crianças são testemunhos da fragilidade da vida, da dor e da perda enfrentadas pelas famílias. Esses espaços têm um significado não apenas para os que os visitam, mas também para a sociedade em geral, pois refletem a maneira como uma cultura significa a vida e a morte. A presença de um cemitério infantil em uma comunidade pode evidenciar a realidade de doenças, desigualdades sociais e violências que levam à perda precoce de vidas. Quando esses locais são preservados, eles se tornam memorialização que não apenas homenageiam as crianças falecidas, mas também servem como um lembrete constante da necessidade de cuidado e proteção das gerações mais vulneráveis.

A preservação desses cemitérios pode suscitar um diálogo sobre a saúde pública, políticas sociais e direitos das crianças. Muitas vezes, a morte infantil é um reflexo de problemas mais amplos, como a falta de acesso a serviços de saúde adequados, condições de vida precárias e desigualdades sociais (Viana & Alves, 2018; Vailati, 2007). Portanto, a preservação desses espaços também pode ser vista como um chamado à ação, uma resistência contra a indiferença social que muitas vezes envolve questões relacionadas à infância. Quando a materialidade encontrada é somente dos grupos mais influentes e abastados, perde-se uma ampla possibilidade de análise social de grupos histórico-construtores, de narrativas secundarizadas e marginalizadas e da possibilidade de conhecimento de um panorama mais detalhado dos autores histórico-arqueológicos.

Os cemitérios infantis são locais de memória coletiva, onde a dor do luto se torna uma experiência compartilhada. A preservação desses espaços permite que as famílias e a comunidade continuem a honrar e recordar as crianças que partiram, promovendo um ambiente de acolhimento e solidariedade. Esses locais se tornam pontos de encontro para os que compartilham a experiência da perda, oferecendo um espaço para o luto e a reflexão. Além disso, a manutenção e a valorização desses cemitérios podem incentivar práticas culturais que promovem a empatia e a solidariedade. Cerimônias de lembrança, eventos comunitários e iniciativas de conservação podem ser organizados para reunir a comunidade em torno da



memória das crianças. Tais ações não apenas reforçam laços sociais, mas também contribuem para a construção de uma cultura que valoriza a vida e a infância, mesmo diante da morte.

A preservação de cemitérios voltados para o sepultamento de crianças transcende a simples manutenção de um espaço físico; trata-se de um ato de resistência e de afirmação da vida em meio à dor da perda. Esses locais são testemunhas silenciosas da fragilidade da infância e da realidade social que a envolve. Promover a preservação desses cemitérios é, portanto, uma forma de honrar a memória das crianças, mas também um convite à sociedade para refletir sobre suas responsabilidades diante das gerações mais vulneráveis.

Ao reconhecer a importância desses espaços, estamos também desafiando a indiferença e a marginalização que frequentemente cercam as questões relacionadas à infância e à morte. A luta pela preservação de cemitérios infantis é uma resistência que clama por um compromisso coletivo, assegurando que suas memórias sejam sempre respeitadas e valorizadas, e isso aqui significando, também, a perpetuação de sua existência após a morte, por meio de sua materialidade cemiterial.

Assim, quando o patrimônio é ignorado e paulatinamente descaracterizado, o que acaba por desaparecer não são apenas informações básicas acerca de um ou mais indivíduos, mas a possibilidade correlativa de mudança, debates e movimentações ao redor dos autores daquele patrimônio e da comunidade que o entorna. Ainda, a possibilidade comparativa com outros espaços mais bem preservados para o evitamento do perigo de uma narrativa baseada em um único perímetro.

Patrimônio para o futuro

Pensar no patrimônio cemiterial arqueológico também é pensar na sociedade do futuro. Pensar no patrimônio cemiterial do presente também é pensar arqueologicamente, na sociedade do futuro e no futuro da ciência arqueológica. O abandono do patrimônio cemiterial e sua descaracterização impactam diretamente as análises possíveis de serem realizadas pela arqueologia no agora e também implicam e comprometem análises futuras. Cuidar do patrimônio pretérito é arqueológico. Cuidar do patrimônio contemporâneo também é arqueológico.

O Cemitério dos Anjos serve como local de estudo e pesquisa para arqueólogos, historiadores, geógrafos e ambientalistas (Freitas, 2024; Oliveira *et al.*, 2023; Fellows *et al.*, 2022; Melo & Halley, 2019). A análise das sepulturas, das inscrições e dos ornamentos revela informações valiosas sobre a demografia, as doenças que afetavam a população e as crenças religiosas da época. Essa riqueza de dados torna o cemitério um ponto de interesse para a preservação da história, da materialidade e da cultura de Recife, contribuindo para a compreensão das transformações sociais ao longo do tempo.

O Cemitério dos Anjos também desempenha um papel importante na educação emocional e na sensibilização sobre a infância e a morte. Sobre as populações menos abastadas, sobre os que são menos vistos. Ao visitar esse espaço, as pessoas são confrontadas com a realidade da perda, o que pode fomentar discussões sobre temas como o luto, a memória e



a fragilidade da vida. Promover a visitação e a reflexão sobre o Cemitério dos Anjos contribui para a construção de uma sociedade mais ciente de si, destacando a importância de visibilizar as diferentes classes sociais. Assim, o Cemitério dos Anjos se estabelece como um patrimônio cultural do bairro da Várzea e da cidade do Recife, que merece ser preservado não apenas como local de sepultamento, mas também como espaço de memória, reflexão social, identidade coletiva, pesquisa e turismo.

Considerações finais e possibilidades futuras

A análise do Cemitério da Várzea e do Cemitério dos Anjos revela uma riqueza arqueológica, histórica e cultural singular. A preservação desses espaços é fundamental para a memória coletiva do Recife, pois permite uma conexão profunda com o passado. A importância desse patrimônio reside na sua capacidade de evocar reflexões sobre a vida, morte e respeito. Os túmulos, cruzeiros e anjos simbolizam a esperança e a fé das famílias enlutadas, enquanto a arquitetura simples e modesta testemunha a humildade e o respeito. Portanto, é imperativo que sejam tomadas medidas para proteger e preservar esse patrimônio, garantindo sua integridade para as gerações futuras. A conscientização sobre sua importância cultural e histórica deve inspirar cuidado, respeito e admiração.

Além disso, a pesquisa e a documentação das histórias das pessoas sepultadas no Cemitério dos Anjos e no Cemitério da Várzea, por meio da atuação arqueológica, são essenciais para uma conservação que vá além do físico. A criação de projetos de catalogação e digitalização de dados sobre as sepulturas ajuda a preservar a memória histórica, permitindo que futuras gerações conheçam as histórias que permeiam aqueles espaços, urge.

Essa abordagem integrada, que une conservação física e memorial, é fundamental para assegurar que o legado cultural do cemitério se mantenha vivo. O futuro da conservação do Cemitério da Várzea e do Cemitério dos Anjos dependerá, em grande medida, da conscientização da sociedade sobre a importância desses locais como patrimônios culturais, atuando de forma independente e por meio de requisições e pressões justificadas junto ao poder público da cidade e do estado. Assim, o Cemitério da Várzea e o Cemitério dos Anjos poderão continuar a ser espaços de memória, reflexão e respeito, preservando as histórias e as evidências do sensível que habitam a localidade. A ausência de maior preocupação do poder público com a manutenção do perímetro compromete as iniciativas dos familiares dos falecidos e até mesmo da comunidade local e de pesquisa, sendo necessária para a perpetuação e a garantia de segurança das ações realizadas na área, visando à segurança do patrimônio cemiterial.

O patrimônio funerário no país reflete séculos de agentes construtores da sociedade e possibilita que a voz de múltiplos grupos sociais e histórias individuais venha à tona. Sua preservação, conservação e vigília, portanto, não são sustentáveis unicamente pela ação de autores privados, mesmo que bem-intencionados. O poder público, tal como presente na Constituição, deve corroborar enquanto agente para garantir à comunidade presente, bem como às gerações futuras, a possibilidade de conhecimento e relacionamento com o patrimônio que reflete a identidade e a história de uma comunidade e que, em sua estrutura, esclarece a



estruturação histórica da urbe recifense. A ausência de ações que levem à descaracterização, portanto, é um desrespeito para com esses autores sociais falecidos, para a comunidade do bairro da Várzea, para a sociedade recifense e, conseqüentemente, para a história brasileira. Preservar, além de ser regionalmente necessário, é também nacionalmente necessário como processo integrador e interpretativo de séculos de história que, muitas vezes, ignoram grupos de autores e construtores. Preservar, assim, para além de um ato constitucional, é um ato revolucionário que vocaliza quem foi socialmente apagado.

Referências Bibliográficas

Araújo, M. H. S.; Costa, J. E. V.; Costa, J. P. & Macedo, Y. M. (2019). Mutirão da limpeza: Uma forma de difundir conhecimentos sobre educação ambiental no Distrito de Barreiras – Macau/RN. *Anais do VI Congresso Nacional de Educação*. Realize Editora.

Araújo, T. N. de. (2008). *Túmulos celebrativos do Rio Grande do Sul: Múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889–1930)*. EDIPUCRS.

Ariès, P. (2017). *História da morte no Ocidente*. Nova Fronteira.

Carmo, B. B. do & Matos, M. I. S. de. (2022). Um "porto maldito": Epidemias, cotidiano e medo – Santos (1880–1900). *Revista de História*, (181), 1–31. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2022.181578>.

Castro, E. T. (2020). Patrimônio cultural funerário. In A. Carvalho & C. Meneguello (Org.), *Dicionário temático de patrimônio: Debates contemporâneos* (p. 271). Editora da Unicamp.

Costa, M. de O. (2009). *Infâncias e "artes" das crianças: Memórias, discursos e fazeres (sul de Santa Catarina – 1920 a 1950)* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].

Deglinomini, L. de S. (2017). *Memória, patrimônio e preservação documental: Reflexões a partir da atuação arquivística* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria]. https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11711/Deglinomini_Liziani_de_Souza.pdf

Freitas, P. C. de. (2024). Memórias póstumas: O patrimônio funerário da Várzea, Recife, Pernambuco. *Anais do 11º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais: A trajetória do patrimônio cultural funerário no Brasil e os 20 anos de atuação da ABEC*. ABEC.

Lillehammer, G. (2018). A arqueologia da infância: Breve versão de uma história factual com um toque pessoal. *Revista de Arqueologia*, 31(2), 75–85. <https://doi.org/10.24885/sab.v31i2.599>

Melo, F. & Halley, B. M. (2019). Morte e vida no bairro: Paradoxos do Cemitério da Várzea em seu território. *Paisagens e Geografias*, 4(esp.), 1–17.

Moraes, N. A. (2005). Memória social: Solidariedade orgânica e disputas de sentido. In J. Gondar & V. Dodebei (Org.), *O que é memória social?* Contra Capa Livraria.

Nava Lopes, A. C.; dos Reis Santos, A. A. & Nava Lopes, S. (2017). Cemitério "Sono dos Anjinhos": Imaginário e precariedade dos sepultamentos infantis no município de Codó-MA, Brasil. *XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Universidad Nacional de Mar del Plata.



Oliveira, A. N. de & Calvente, M. del C. M. H. (2012). As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. *Interações*, 13(1), 81–92. <https://doi.org/10.1590/S1518-70122012000100008>

Oliveira, R.; Lins, E.; Bernardini, C.; Macêdo, A. & Lins, A. (2023). Análise ambiental de um cemitério localizado em região universitária na cidade do Recife, Pernambuco, Brasil. *Anais do VI Congresso Sul-Americano de Resíduos Sólidos e Sustentabilidade*. IBEAS. <https://www.ibeas.org.br/conresol/conresol2023/IX-001.pdf>

Peixoto, P. V. da S. (2018). Quando a morte vem cedo: Uma análise de enterramentos infantis na Idade do Ferro bretã. *Revista de Arqueologia*, 31(2), 210–238. <https://doi.org/10.24885/sab.v31i2.603>

Pereira, B. S. P. (2022). *A importância da preservação da memória e do patrimônio histórico-cultural da cidade de Palmas de Monte Alto – BA*. [Trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário Internacional UNINTER]. <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/822/PEREIRA%2C%20Bruna%20Silva%20Pinto.pdf>

Reis, J. J. (2023). *A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX* (2ª ed.). Companhia das Letras.

Rocha, T. (2012). Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: As contribuições do programa de educação patrimonial do MAEA-UFJF. *Anais do XVIII Simpósio Nacional de História*. ANPUH.

Rodrigues, C.; Santos, C. J. & Albuquerque Júnior, D. M. de (Org.). (2024). *A morte e o morrer nos sertões do Brasil* (1ª ed.). NAU Editora.

Roma, T. N. de; Moreira, L. de A.; Riondet-Costa, D. R. T. & Gilioli, L. A. (2020). Diálogos de educação ambiental não formal: Relato de experiência de um mutirão de limpeza em um parque nacional. *Revista Educação Ambiental em Ação*, 18(70). <https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3891>

Santos, J. (2022). Anjos. In M. R. Nascimento & M. Dillmann (Org.). *Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer* (pp. 40–43). Casa Letras.

Silva, A. L. S. de B. e; Oliveira, M. D. B. G. de & Rodrigues-Carvalho, C. (2022). Cemitério dos desvalidos do Rio de Janeiro antigo. *Revista de Arqueologia*, 35(3), 69–90. <https://doi.org/10.24885/sab.v35i3.1018>.

Vailati, L. L. (2007). Os funerais de "anjinho" na literatura de viagem. *Revista Brasileira de História*, 27(54), 275–295. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000200012>.

Viana, C. dos R. & Alves, L. M. S. A. (2018). *Ritos de velório e sepultamento de crianças na história da infância em Belém do Pará (1910-1914)*. *Revista Teias*, 19(52), 77–90. <https://doi.org/10.12957/teias.2018.30602>

Recebido em: 8 de julho de 2025

Aprovado em: 3 de maio de 2026

